



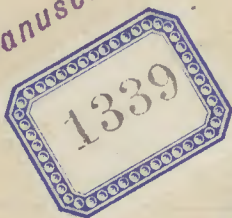
David de Mello Lopes

—
Bases da ortografia que deve ser adoptada

no Dicionario da Academia

—
Relatorio

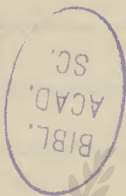
—
1916.



Academia das Sciências de Lisboa

Bases da orthographia que deve ser
adoptada no dicionário da Academia

Relatório da Comissão do dicionário



Presados consócios,
10,4 versal

A Comissão do dicionário vem gostosamente
cumprir uma parte do seu mandado. Cria-
da em 1911, o seu primeiro cuidado foi esta-
belecer as bases da orthographia que se de-
ve adoptar no dicionário. Terminou ella a
sua tarefa no anno de 1912, assentando nas
conclusões que hoje são submetidas á vos-
sa apreciação. Só agora, porém, ella vò-las
apresenta, por motivos que mais de uma
vez o secretario dela vos disse neste mes-
mo lugar. de facto, a tentativa de acôrdo
com a Academia Brasileira sobre esse as-
sumto, para se conseguir em Portugal e Bra-
sil uma mesma orthographia, foi causa des-
sa longa demora.

Falhou essa tentativa, como sabeis,
mas não o pensamento dela, porque em

27 de janeiro findo o nosso consócio Sr. Candido de Figueiredo declarou, na 2.^a classe, que a Academia Brasileira, a que elle pertence, adoptara integralmente a orthographia official do estado portuguez. Folgo muito com isso a vossa Commissão do Dicionário, embora fosse feita a' margem dela, porque enteevin assim a possibilidade de realisar o sempre sament da uniformisação das orthographias portuguezas. E por fim as negociações para obter verba para um redactor do Dicionário obrigaram ainda a maior demora.

A Commissão começou a trabalhar com fé e ardor, mas não foi sempre assim na maioria dos seus vogais; e, como vêdes, poucos são os que assinam o seu relatório. A alma dela foi o falecido consócio Gonçalves Viana. A sua memória querida aqui consignamos a nossa saudade.

Foram estas as conclusões da Commissão:

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

[21 e 22]

1º. Devem conservar-se as feições peculiares da escrita tradicional portuguesa, isto é ç, lh, nh, j, z, ch, x, ce, ci, que, qui, gue, gui, accentos agudo e circumflexo, e o til.

[23]

2º. Deve approximar-se da castelhana actual a orthographia portuguesa, em tudo quanto não contradiga as suas feições especiaes: sossego, como em castelhano e no português antigo, e não socego.

[24]

3º. Não se devem manter no alphabeto português os symbolos k, y, ew. Exceptuam-se os nomes scientificos de origem estrangeira e de physionomia e uso internacionaes que se devem escrever na orthographia corrente, mas em italico, seguida da forma portugueza correcta.

[29]

4º. Deve expungir-se o h dos grupos ch=c, th=t, e substituir ch por qu antes de e e i, e por c nas outras situações; rh por r, ph por f, y por i.

[31]

5º. Deve manter-se o h inicial de palavra quando etymologico e tradicional.

[32]

6º. Devem manter-se ao x os seguintes valores: hs, como em fixo, eis, como em exame, ss, como em auxilio.

No interior de palavra x seguido de consoante deve ser substituido por s, assim misto por mixto.

Excepções: texto (e seus compostos), sexta.

[33]

7º. X, no interior de palavra, com o seu valor alphabetico, deve manter-se, mas com um ponto sobre-posto, isto é ẏ, em ana-

logia com j: caixa, faixa etc.

[34]

8º. As letras que se não proferem, nem nunca se proferiram em português, devem ser supprimidas: producto, sancto, escripto, prompto, signal, devem escrever-se produto, santo etc.

[35]

9º. devem manter-se as letras mudas mas que influem no valor da vogal que as precede: adoptar, acção etc.

[36]

10º. Devem manter-se as letras mudas no vocabulo quando em outro da mesma origem ellas se profiram: adoptar-optar; Egypto-egyptio.

[37]

11º. Devem supprimir-se as letras dobradas com valor de singelas, com excepção de ss e rr que serão discutidos em caso especial.

[38]

12º. Deve conservar-se o atono nas palavras em que embora soe u provem de palavras portuguezas onde ha o tonico. Exemplos: cobra e cobrao etc.

[39]

13º. Deve conservar-se e atono com o valor de i, quando a analogia portuguesa o recommende, e ainda quando a etymologia o peça. Exemplo: erguer em razão de ergo. Excepções: igrejs, idade, igual etc. em razão da etymologia.

[40]

14º. Deve conservar-se antes de vogal e=i, o=u, fóra da analogia portuguesa. Exemplos: beato e não biato; coentro e não cuentro.

[41]

15º. Deve conservar-se o=u antes de consoante, fóra da analogia portuguesa. Exemplos: documento, portento etc.

[42]

16º. Não deve manter-se i atono com o valor de e surdo, em vocabulos de origem evolutiva. Exemplo: semelhante e não similhan-te.



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Excepção: vezinho pode escrever-se vizinho, que é forma legítima historicamente. Em vocabulos de origem culta deve conservar-se. Exemplo: militar e não melitar etc.

[44]

17º. Deve manter-se com o valor de i atono o e em vocabulos de origem popular. Exemplo: desejar de desejo.

[45]

18º. Deve conservar-se e atono com o valor de i, fóra da analogia portugûesa, e restabelecê-lo onde haja sido substituído por i. Exemplos: Israelita, de Israel; ajoelhar, de joelho, mas artelhar e não artilhar, de artelho. Excepções: tijolo, miolo, diante etc e não tejolo, meolo, deante etc. em razão da etymologia.

[46]

19º. Devem manter-se ge, gi, e par de je, ji, nas condições seguintes:

a) g etymologico, antes de e, i, de origem grega e latina, conservar-se-ha. Approvado por quatro votos contra um. Exemplos: gemor, giro etc. Nas palavras de origem arabe tambem assim: alface, Gibraltar etc.

b) g etymologico, antes de e, i, muda-se em j quando seguido de a, o, u. Exemplos: eleger e elejo.

c) j antes de a, o, u, em vocabulos primitivos, conserva-se nos derivados. Exemplo: laranja e laranjinha.

[47]

20º. Devem manter-se: a) s entre vogaes, com valor de consoante sonora, e z, de accordo com a etymologia e a escrita antiga: cassa e azedo; b) ss e ç medias nas mesmas condições: passo e paço; c) mas deve ser substituído por s o ç inicial, apesar da etymologia e escrita antiga, para transigir com o habito já arraigado: sarça (e não çarça), sentinella, setim etc.

[48]

21º. Deve manter-se s final em vez de z em nomes em que elle provenha de ci e ti latinos: Mendes e não Méndez; ourives e não ourivez etc., apesar da etymologia e da escrita antiga.



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

[49]

22º. Deve banir-se z final não etymologico, com valor de s, empregado para mostrar que a vogal antecedente é tónica: português e não portuguez. S e Z tiveram outrora e teem ainda hoje em certas partes de Portugal valores differentes.

[50]

23º. Deve manter-se com rigor etymologico a differença entre a) Z e S mediaes; gozar e ousar; baptizar; analysar; b) Z e S finais: voz e vós; c) sc e ç: sciencia e centelha.

[51 e 53]

24º. a) Nos ditongos cujo segundo elemento é i 1) mantem-se i sendo oral: pai, generais etc, e nos verbos: mandais, andais etc; 2) substitue-se por e, sendo nasal: mãe, com excepção de muito.

[52]

b) Nos ditongos cujo segundo elemento é u mantem-se u: pau.

25º. Nos ditongos ei e eu o e aberto deve marcar-se com o accento agudo, e se for fechado não deve ter accento. Exemplos: réis e reis; céu e seu.

[54]

26º. A vogal nasal ã, quando final, deve designar-se por til; as outras vogaes nasaes, nas mesmas condições, por m, como se fez actualmente. Exemplos: lã, mas sem, sim, som, um.

[55]

27º. Deve manter-se a graphia am=ão nos ^{presentes} preteritos perfectos ^{do indicativo} dos verbos; mas as particulas tão e quão, e os nomes terminados ^{da 1.ª conjugação} em -ão atono, devem escrever-se com ão. Exemplos: amar^{em} e orphão.

Exceptuam-se os monosyllabos grão (grande) e são (santo) que se devem escrever grã e sã.

[56]

28º. Deve manter-se a graphia actual - em=êe, quer esta terminação seja tónica, quer não, mas com o accento agudo no primeiro caso, para o distinguir. Exemplos: contém e armazém; contem e almargem.

[57]

29º. Os nomes terminados em m devem mudar o m em n ao accrescentar-se o s do plural. Exemplo: atum e atuns.

58 e 59]

30°. A orthographia não deve proscrever as pronunciações e distincções dialectaes, ainda quando desconhecidas actualmente no centro do país. Exemplos: xá e chá; laço e lasso; cozer e coser, etc.

[60]

31°. A primeira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos em - ar, e a mesma pessoa do preterito perfeito, devem distinguir-se marcando esta com accento agudo e deixando aquella sem accento. Exemplo: amamos (isto é, amâmos) e amámos.

[61]

32°. Devem restabelecer-se letras que erroneamente teem sido substituidas, quer nos nomes communs, quer nos proprios de logares e pessoas, e, tanto quanto possivel, nos appellidos. Exemplos: soseg por socegar; açucar por assucar; português por portuguez; Sintra por Cintra; Dinis por Diniz etc. Exceptua-se o Z de syllaba final de vocabulo ou medial antes de consosnte: Lopes e não López, arraís e não arráez, mesquinho e não mezquinho.

[62]

33°. Deve adoptar-se accentuação graphica methodica, por forma que em qualquer vocabulo se conheça sempre a syllaba tonica quer ella se marque, quer não.

[63]

34°. Deve conservar-se o uso do accento agudo para as vogaes abertas e a do circumflexo para as fechadas, a, e, o.

4 e 65]

35°. Devem marcar-se com accento os vocabulos esdruxulos, cuja ultima syllaba comece quer por consosnte, quer por vogal. Exemplos: vocábulo, última etc; pendência, régua etc.

[66]

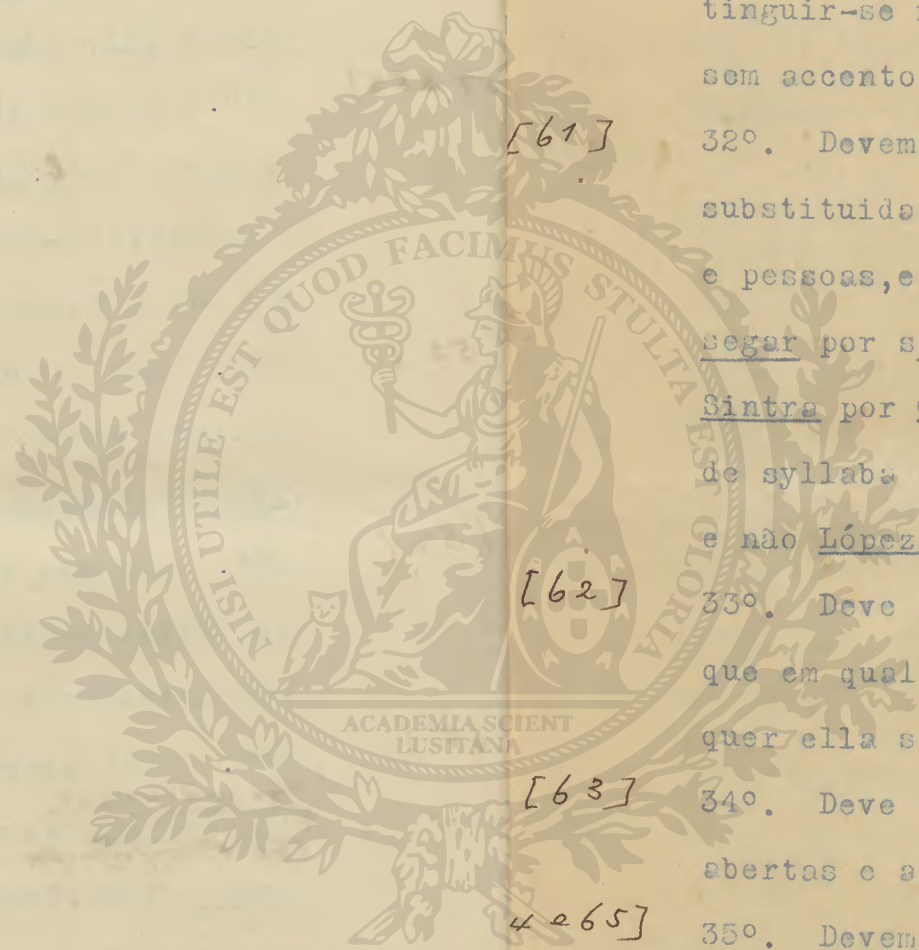
36°. Não devem accentuar-se graphicamente os vocabulos inteiros, paroxytonos, quando a ultima syllaba começa por vogal. Exemplos: valis, falus etc., que se devem ler valía, falúa etc.

[67]

37°. Devem accentuar-se nos paronymos só os esdruxulos. Exemplos: mágoa, contínua, mas magoa (magôa), continua (continúa).

68]

38°. Devem accentuar-se nas formas em que as letras são iden-



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

ticas só as vogaes fechadas.Exemplos: pôde e pode(póde),lêmos e Lemos (Lémos.)

[69]

39°. Devem accentuar-se todos os vocabulos agudos, oxytonos, cuja ultima syllaba termine em a, e, o, seguidos ou não de s. Exemplos:alvará(s), maré(s), avó(s), avô(s)etc.

[70]

40°. Devem accentuar-se todos os vocabulos paroxytonos, que não terminem em a, e, o, seguidos ou não de s.Exemplos:açúcar carácter, órphão, sável, quási, tribú etc.

[72, 74]

41°. Os ee e os oo fechados dos vocabulos que possam confundir-se com outros (homographos)devem marcar-se com o accento circumflexo.Exemplos:côr, côrte, sêde, côbro,etc.porque ha côr,côrte, sêde, côbro etc.,que se escreverão sem accento cor, corte,sede, cobro etc.,mas dôr por dôr, fogo por fôgo,sem accento,por não terem paronymo.Exceptuam-se os seguintes vocabulos:pâra(verbo), pêlo(verbo),pôlo(nome)que se devem marcar com accento agudo,apesar das regras dadas anteriormente em contrario,para os differenciar dos seus paronymos pâra,pron. pra (preposição),pêlo(nome), pelo e polo(ambas contrações de per lo e por lo).

[73]

42°. As vogaes a, e, o, antes de consoante nasal,devem marcar-se com o accento agudo ou o circumflexo, conforme a pronuncia de cada individuo.Exemplos:ânsia ou énsia, gênio ou gênio, porque ambas as pronuncias existem em regiões differentes do português.

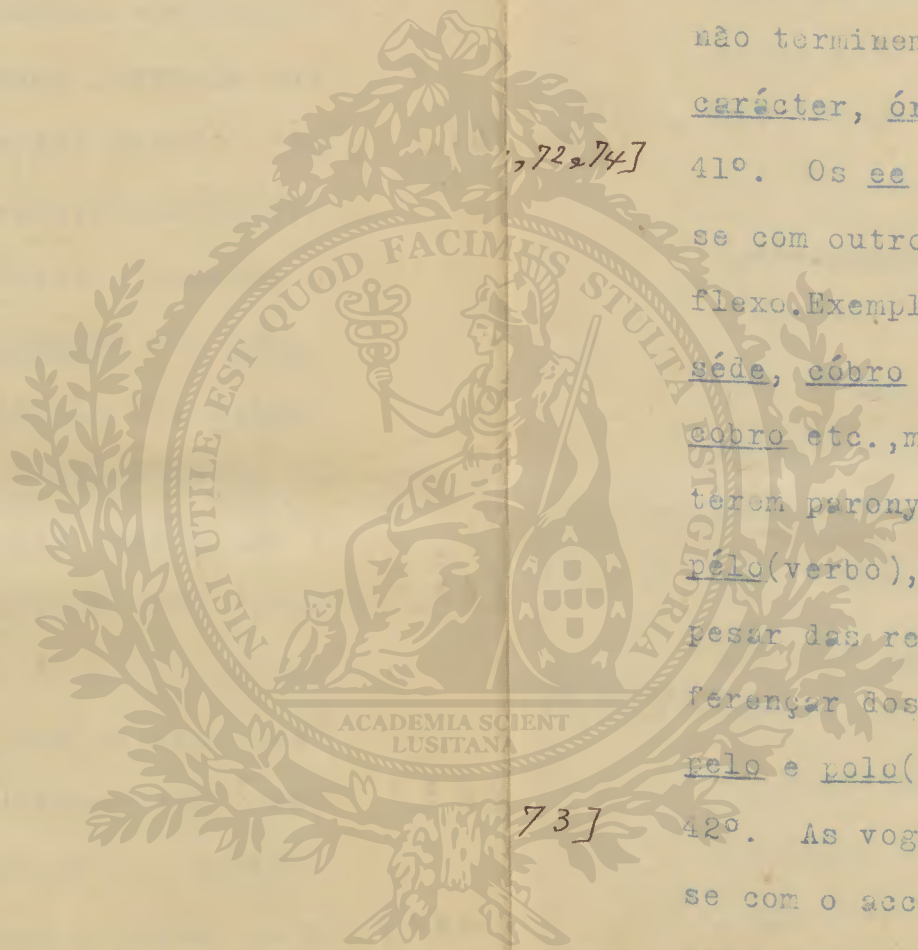
[75]

43°. A vogal tonica de um grupo de tres vogaes,duas das quaes formem ditongo, não deve marcar-se.Exemplos:poeira,praia etc.

[77]

44°. De duas vogaes consecutivas que não formem ditongo,a segunda deve ser accentuada graphicamente se é tonica e termina a syllaba ou é seguida de s. Exemplos:país, saída, saúde etc.

Se a syllaba termina em consoante que não seja s, essa vogal não



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

se accentua. Exemplos: raiz, sair etc. Mas câi-bra, porque as duas vogaes formam ditongo.

45°. Os vocabulos compostos e os derivados que conservem na pronuncia a accentuação dos seus elementos devem ser accentuados como são os elementos simples. Exemplos: água-raz, túmolozinho etc. Do mesmo modo com os adverbios em-mente: rápidamente, cortêsmente etc.

46°. Deve empregar-se o accento grave para designar o valor das vogaes como se pronunciam na serie alphabetica, ^{quando} ~~quer saiem~~ ^{afrouas} ~~tantas~~ ^{afrouas} ~~quer não~~, principalmente quando puder haver confusão. Exemplos: sádio, pêada, côrado etc.

47°. Deve empregar-se o accento grave para indicar que u, i, não formam ditongo com a vogal antecedente, sendo ambas atonas. Exemplos: reunir, fluidez etc.

48°. Deve empregar-se o accento grave sobre o u dos grupos gue, que, gui, qui, quando ^{e proferido} atono. Exemplos: arguêr, frequênte etc.

49°. O apostropho é dispensavel, excepto nos casos imprevistos de suppressão de vogal ou consoante. Escreva-se, pois, neste, dêste, dahi, como já se escreve no, do, donde; matá-lo, tem-lo, tem-no, numa, em vez de matal-o, tem-l'o, tem-n'o, n'uma.

50°. O hyphen usa-se nos termos compostos quando ambos os ~~lx~~ elementos conservam a sua independencia phonetica, mas o significado do composto ^{não} resulta do significado dos elementos: erva-prata, porta-voz.

Não se usa, porem, se cada um dos elementos conserva a sua independencia phonetica e o seu significado, como em casa de campo, trem de praça; ou se um dos elementos perdeu a sua independencia phonetica, como em abrolhos, matacão, e assim constituem uma só palavra.



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

[88]

51º. A divisão de vocabulos em syllabas, no fim de linha ou noutras condições, deve ser feita pela soletração, e não pela divisão dos seus elementos de derivação ou de composição. Exceptua-se o prefixo ex, em que o x acompanha sempre o e.

[90 e 91]

52º. Na escrita usual, não se devem usar os pontos de admissão e interrogação invertidos, como fazem os castelhanos em phrases exclamativas e interrogativas; nem sinais diacriticos para figuração de sons peregrinos ou dialectaes; nem ^{os} symbolos k, v, ã, æ, ö, œ, ü, w, etc., em vocabulos estrangeiros aportuguesados.

53º. As letras do alphabeto devem denominar-se como actualmente.

54º. Os vocabulos peregrinos aportuguesados devem perder as feições estrangeiradas ou caprichosas. Escreva-se, pois, groque, sorgo, porte-moné etc. (e não grog, sorgho, porte-monnaie etc).

55º. Os nomes proprios, de logares ou de pessoas, das nossas possessões, devem tomar feição totalmente portugueza.

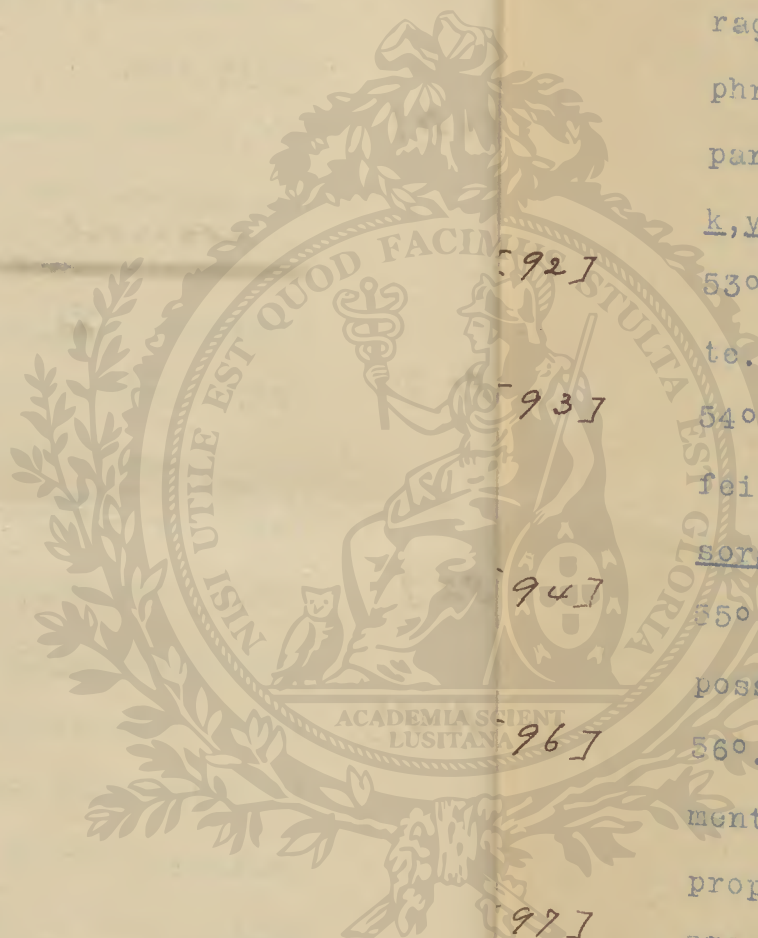
56º. Deve respeitar-se a tradição portugueza no aportuguesamento dos vocabulos estrangeiros ou coloniaes, tanto dos nomes proprios, como dos nomes communs ou verbos.

57º. Deve estabelecer-se a graphia portugueza dos nomes peregrinos, aportuguesados ou aportuguesaveis.

58º. Todas as normas de orthographia precedentemente approvadas devem ser reduzidas a regras simples.

59º. Deve publicar-se um vocabulario que obedeça á orthographia adoptada.

60º. No vocabulario orthographico devem ser inseridos todos os nomes proprios portuguezes ou aportuguesados, incluindo os da antiguidade classica e os biblicos.



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

(A Comissão orientou-se pelo trabalho do Sr. Gonçalves Vianna,
As orthographias portuguezas. Os numeros á margem são os do
dito trabalho em que se trata do mesmo assunto.

*Pode ler-se tambem o relatório da comissão offi-
cial, pelo mesmo autor, com o título: Bases para
a unificação da orthographia que deve ser adoptada
na nas escolas e publicações officiais, impressas
na Imprensa Nacional.)*



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Como vêdes, estas conclusões são quasi inteiramente as da Comissão official. Diferem apenas nos seguintes casos, secundários:

6.º... "No interior de palavra x seguido de consoante deve ser substituído por s: misb no misb." No Prontuário da Comissão official, n.º 68, mantem-se o x, mas no Vocabulário de Gonçalves Viana vem escrito este vocábulo dos dois modos.

7.º - Manda escrever x com um ponto sobre-vo no interior de palavra ^{quando} seguido de vogal, com o valor alfabético, mas nem o Prontuário no sobre dito número, nem o Vocabulário mandam escrever assim.

11.º - Manda suprimir as letras dobradas com valor de singelas, com excepção de rr e ss, mas o Formulário da Comissão official, n.º VII, acrescenta mm e nn, como em emma lar e enneguer, porque se proferem as duas consoantes, e assim se faz no Vocabulário.

27.º - Manda escrever grã e sã em vez de grão (grande) e são (santo); no Formulário e no Prontuário nada se diz a este respeito, mas no Vocabulário grã e sam.

42.º - Manda ler ânsia ou ânsia, gênis ou gênis porque existem as duas pronúncias, mas o relatório da Comissão official manda ler so.

ânsia, e assim no Vocabulário.

52.º — Manda que se não usem os pontos de admiração e interrogação invertidos, como fazem os castelhanos, em frases exclamativas e interrogativas, mas no Prontuário, n.º 80, manda-se o contrário. Manda igualmente que se não usem os símbolos κ, ω, γ em vocabulos estrangeiros aporquguesados (salvo as excepções do n.º 9), mas no Formulário, n.º I, e no Prontuário, n.º 74, não se usa senão o seu uso facultativo.

54.º — Manda escrever grogue, porto-moré etc.; a Comissão official parece não ter tomado resolução sobre elles, mas applica-se esta regra no Vocabulário.

55.º, 56.º e 57.º: a Comissão official parece não se ter occupado d'elles.

Era inevitavel esta quasi paridade. A Comissão official quis fazer obra de conciliação, que pudesse ser aceita pelo maior numero. Afastou-se, por isso, dos critérios extremos, radicais. A composição della era penha que um critério de bom senso presidisse ao seu trabalho. Os individuos que a formavam, pertencentes a diferentes grupos de ensinos e fora d'ele, não fizeram, pois, obra de paixão e de espirito de secta. De um d'elles sabemos nós que ceder

em muitos pontos do seu critério e escrita anterior, como confessa no relatório da Comissão oficial. Esse foi Gonçalves Viana. A obra da Comissão não foi, pois, revolucionária, como muita gente tem entendido: a Comissão só quis simplificar e regular, dentro do bom senso, a orthographia portugueza.

Um critério destes tem inconvenientes, bem sabemos: é que por vezes parece lógico, mas isso resulta da necessidade de fazer obra que não desfigurasse a fisionomia da língua, hábitos radicados ou ainda a história da língua, como succederia numa orientação exclusivamente sónica. Assim: lã, mas sem, sim...

louam, mas são...

pai, mas pães...

E se se olhasse só os valores fonéticos dos vocábulos entre a maioria dos portuguezes, muito se simplificaría a escrita, assim com: ch = x, c = ss mediais ou s inicial de palavra, s = z entre vogais, ge - gi = je - ji, sc = c, e = i e o = u quando átonos, - mas respeitando a história da língua e hábitos adquiridos mantiveram-se essas distinções gráficas.

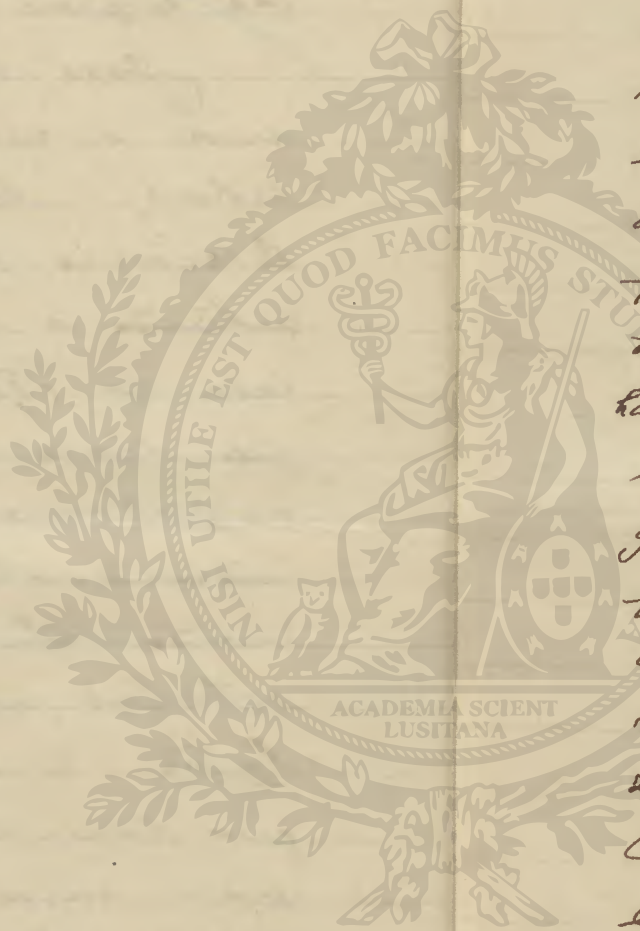
Todavia, não faltará quem acuse a vossa comissão de crime de lesa-arte. Em verdade, uma língua é uma obra d'arte em que colaboraram muitas gerações; cada uma dei-

por aí a marca da sua época: deixou-a na morfologia, na sintaxe como na ortografia. A sua ortografia, isto é, o seu aspecto material, faz parte integrante da sua beleza: não chego a dizer, pois, iconoclastas irreverentes!

José Verissimo, em estudo forte e douto, chamou a essa pretensão "uma invenção dos setecentos". Mas Brunetiere, o grande crítico literário francês, ha poucos annos falecido, discutindo a reforma sintáctica e orthographica francesa de 1800, disse: "Uma lingua elaborada por cinco ou seis séculos de cultura estetica, a palavra tem um valor por si, tem a sua individualidade, mutila-se, pois, modificando-a a orthografia... e a scintillação das estrelas apagar-se-ia se se escrevesse ciuitilação". E antes d'elle um grande artista da lingua franceza, Renan, dissera: "A palavra para mim não é somente som, mas forma muito clara, de linhas nítidas, não sem beleza; vejo-a erguer-se diante de mim, bem delineada, e destruida na forma ser-me-ia difficil conhecê-la".

O argument da fisionomia das palavras tem algum peso para nós. A lingua não é ~~meramente~~ ^{meramente} instrumento ou meio de comunicação. Falando no seio da Academia portuguesa,

guardiã das boas letras pátrias, de tantos séculos de cultura portuguesa, não o podemos contestar. Mas não tem tanto como se pretende. Ele tem muito de subjectivo, de relativo, pois. Seja um vocabulo português e o mesmo castelhano, este simplificado, o outro não: ele exprime para o individuo português como para o espanhol a mesma idea com a mesma força. Suponha um português igualmente conhecedor das duas línguas, ele senti-las-á igualmente bem. Seja ainda um vocabulo português em períodos diferentes da língua, a roupagem não é a mesma: deixará, porventura, de evocar com força a mesma idea os estudantes? Qual é o artista literário de hoje que não lê com sumo prazer as páginas belas de Fernando Soares ou de Castanheira? Senti-las-á menos por ~~uma~~ estarem numa escrita e sintaxe tão diferentes ^{das que os nossos olhos estão habituados a ver?} Demais, a belleza da poesia é essencialmente musical. Ela é, pois, som mais que forma. Assim, este argumentos não nos parece decisivo. Um critério unico, absoluto, fonético, esse sim seria uma mascara e não seria defensavel; mas já vos dissemos que não é este o caso. A reforma é benigna, não



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

altera a fisionomia das palavras. Reduz a consoante geminada a singela; supprime o h médio mas não o inicial, se é etimológico; substitue ch por qu e c, ph por f, y por i; mantém e utiliza a consoante média que se não pronunciava todas as vezes que ela influe no valor da vogal precedente; regularisa a acentuação gráfica até hoje arbitrária... Não tem nada que possa assustar os amigos e defensores da língua portuguesa.

Aqueles que pretendem o contrario defendem apenas um hábito velho. O que as reformas ortográficas veem destruir são certos modos de escrever que se tornaram automáticos. A reacção é natural e legítima. Não deve ser tão funda essa reforma que vá contrariar fortemente esse hábito, porque daí virá certa perturbação. É incontestável. Mas não valerá a pena provocá-la com ponderação por uma vez? Todos estão convencidos d'este facto: que a orthographia portugueza está a marguisada. Já vem isso de muito longe. Ha perto de um século disse-o Garrett no seu tratado da Educação, nestes termos: "É lamentável que dar satisfações sobre orthographia: a ninguém ^{mais} succede isto senão a nós que tendo uma lingua formada ha séculos ainda

não pudemos sair da anarquia ortográfica em que vivemos. Todos reconhecem o mal, mas não ^{querem} aplicar - lhe o remédio. Talvez valha a pena, repetimos, para bem das novas gerações. Preparar-lhes um futuro melhor ^{e obrigação} ~~de~~ de todos nós, e se não pensarmos senão no presente faltaremos a um dever humano.

A Comissão do Dicionário conta, pois, que approvareis as suas conclusões sobre orthographia portugueza; mais ainda, que approvareis integralmente a orthographia official e eliminareis as leves divergências que no seio da Comissão se manifestaram em dado momento.

A orthographia official tem já uma grande diffusão. As gerações que frequentam hoje as nossas escolas aprendem a nova orthographia. Todas as publicações officiaes e muitas outras são nela escritas. A imprensa periódica adoptou-a, mais ou menos, é verdade. A Academia Brasileira perfilhou-a também, como vos dissemos. A Academia das Sciências de Lisboa não ha de querer provocar um scisma na orthographia portugueza quando esta se encaminhava para a sua unificação entre todos os que falam a lingua portugueza: não ficaria bem ao nosso instituto que representasse na sociedade portugueza um principio de

order e harmonia.

Lisboa, sala das sessões da Academia, em
17 de fevereiro de 1916.

J. Lintell & Co.

For: Josephine Waring

David Jones (relator)

Amido e Rencor

